

LITERATURA BRASILEIRA
Textos literários em meio eletrônico
"Cartas de Helena a Eulália", de Helena

Edição de referência:
Jornal das Famílias. Tomo 1, janeiro, março de 1863, p. 9-12; 78-81.

I

Paris, novembro 1862.

Minha formosa e querida prima.

Agora mesmo acabo de receber uma amabilíssima carta, assignada pela redação do *Jornal das Famílias*, na qual sou convidada de um modo tão lisonjeiro a que não devo resistir, para com a minha colaboração honrar (olhe que é ela, a redação, que diz honrar) as colunas deste jornal.

Eu não sei se a minha prima sabe calcular os apuros em que põe a gente o amável convite de meia dúzia de distintos literatos que tiveram a generosidade de querer uma desconhecida como eu nas suas fileiras? Se a prima sabe, avaliará, certamente, o quilate daqueles com que lutei; e se não, tome o meu conselho, minha prima, fique nessa pacífica ignorância.

— Como resistir, dizia comigo, relendo a carta; como resistir a força destas lisonjeiras expressões? E demais, eu não tenho nada escrito, e nada na cabeça para escrever!

Um romance?

Depois dos *Miseráveis*...

Uma poesia?

E papai?

E papai quando souber que eu tive a loucura de fazer versos, e que caí na doidice de publicá-los sob o título de poesia?

E minha prima sabe que o mais fidalgo inimigo dos poetas é sem dúvida seu tio!

Ainda não há muitos dias, lhe ouvi dizer a um dos nossos amigos que, se ele fosse naturalista, classificava-os (os poetas) na família dos caranguejos!

O caso é que eu também estou por isso, apesar de também fazer, lá de quando em quando, os meus versinhos às escondidas. Mas, fazer versos não é ser poeta; por consequência eu não entro na classificação.

Irresoluta se devia ou não escrever versos ou romances, peguei na pena e pensei... Debalde!

— O que não hão de dizer os redatores do jornal? (murmurei indignada com a minha cabeça).

E indignada corri com os olhos o quarto todo, procurando um objeto que me inspirasse.

Encontrei-o, afinal.

E é a você a quem o-devo, minha querida prima.

Lembra-se daquela saudade, bordada sobre talagarça, de que me fez mimo na hora da minha partida? Daquela bem-fadada flor que vive tão bem guardada no meio destas palavras escritas com os fios dos seus cabelos, — não te esqueças de mim? — Foi ela que me inspirou.

Vegeta a tristezinha a cabeceira do meu leito ao lado do retrato de minha boa mãe, num pequeno quadro que, se não é digno dela, é, ao menos, o mais bonito que encontrei em Paris.

Lá foram ter os meus olhos onde dorme a tristezinha. De lá voltaram e tão chorosos e tão baixinho segredaram com o coração que eu não pude ouvir uma palavra das que entre si trocaram.

Sei que sofri desse silencioso sofrer, minha prima, de que fazem pasto as almas de nós outros os expatriados!

Peguei outra vez na pena e disse:

— Pois vou escrever umas páginas tristes, dirigidas a minha querida Eulália.

Mas, desgraçadamente, em eu pegando na pena, bem posso dizer, adeusinho, tristezas.

O estilo é o homem, pregou não sei quem, eu cá prego por minha vez que o meu estilo não é o meu coração. Por mais funda que seja a minha tristeza em eu escrevendo, parece que estou rindo. Por semelhante fatalidade, caiu a lembrança das páginas tristes no fundo do tinteiro.

— Então o que é que devo escrever? (perguntei alterando a voz, como se alguém se opusesse às minhas intenções).

E, sem esperar que me respondessem, decidi comigo mesmo escrever a minha prima todos os meses uma carta, ainda que seja de cinco linhas.

E assim, bem ou mal, irei dando cumprimento ao honroso convite que aceitei dos redatores do *Jornal das Famílias*.

Minha prima terá o prazer de ler de vez em quando o seu nome em letras redondas, bem como eu as cantilenas das minhas garatujas. E creio que somos as duas únicas que lucram.

Como não fui eu que me convidei...

O que é galante é que papai já soube do convite e bem assim da minha resolução.

Quer ouvir o que ele me respondeu, quando lhe contei que as minhas cartas iam ser publicadas?

Sem mais nem menos, estas palavras algum tanto descoroçadoras:

— Escreve lá quantas cartas quiseres a tua prima; consinto mesmo que as mande publicar no Times ou em volume. Proíbo-te, porém, que assignes o teu nome inteiro, porque não quero que digam por aí que não tive senso bastante para observar-te que ficas tão abaixo da Sévigné no teu estilo epistolar como eu de Voiture e a fortaleza da Lage no Rio de Janeiro do Pão-de-Açúcar.

Em, prima?

Dous elogios destes deitam agente na boca do... desânimo!

Mas o que eu queria era ter licença de escrever para o público escrevendo à prima; e agora tenha você paciência.

Não peço desculpas ao público, porque esse é lá com os redatores do jornal a quem tem que pedir contas.

Ai, minha querida e feliz Eulália! Certo e muito certo é o que diz o ditado:

“Ninguém sabe do bem que tinha senão depois de perdido.”

Agora é que sinto o bem que perdi saindo desse céu aberto.

Deixe-se estar aí, minha prima, no país das flores e das brisas; não se lembre jamais de querer experimentar o doloroso da separação da terra que nos viu nascer. Não imagina, e só por isso é feliz, o que é esse doer, esse carpir do coração com saudades dos seus lares e da sua gente, e nem eu vejo tinta com que o possa descrever, e mormente nesta hora em que estou a tiritar até os ossos ao peso do mais vigoroso e antipático inverno da minha vida! Salve o sol do Brasil, Eulália, cem vezes salve!

E como esta é apenas um aviso de que de ora em diante lhe enviarei as minhas cartas pelo Jornal das Famílias, faço aqui ponto final por hoje.

Adeus, minha prima... Até quando? quem sabe!

Quando, enfim, te verei, minha Eulália.

Minha íntima e santa afeição?

Quando a teu coração num abraço

Casarei este meu coração?

Ah! bem-vindo esse dia de festa.

Ou de morte... talvez... que o prazer

Também mata... também num abraço

Pode a vida sorrindo — morrer!

.....

Diga a esse torrão, tão abençoado pela natureza, tão querido pela primavera, que não lhe deseja menos guapo prosperar de que é tão digno, do que o guapo noivo que lhe deseja de todo o coração a sua saudosa prima.

HELENA.

Continua.



II

Paris, janeiro 1863.

Minha formosa e querida prima.

Não sei como começar esta... mas também não há de ser assim?... por um frio destes, até parece que as ideias se encapotam e lá vão tiritando de cachênê e luvas de lã esconder-se no mais fundo e quente canto do crânio... Elas não me aparecem, desde que o inverno nos honrou com a sua costumada visita. Olhe, prima, da minha parte, eu passava muito bem sem a honra deste sr. É honrazinha que me obriga a não fazer outra coisa senão avivar o fogo da minha chaminé. Entretanto, a prima não pode avaliar como é doce ao coração esse embalar de cismas ao monótono crepitar da lenha? Não sabe, prima, que de suaves pensamentos encantam a vida nessas horas em que a gente, como meia adormecida em uma poltrona, preguiçosamente contempla as caprichosas ondulações da chama de uma chaminé! Não é o pensar ardente de um desespero imenso; nem é o suceder de ideias rápidas e vertiginosas de uma alma que doe e se contorce: não. É um como despertar brando de ideias perfumadas como o fumo que se levanta daquelas odoríferas caçoulas do Oriente e que faz, a quem tiver lido, sem querer, murmurar saudoso versos como estes repassados de tristeza:

— Longe... por esse azul dos vastos mares;
Na soidão melancólicas das águas
Ouvi gemer a lamentosa Alcíon,
E com ela gemeu minha — saudade! —

.....

E não chorei? Enquanto você lá, prima, talvez abanando o seu leque, tenha desdenhosamente recusado aquele moço tão louro e que tão anelantemente desejava valsar com você! Ou, talvez, maldiga o sol em pino, com ásperas palavras

que, porém, passando por seus lábios, por mais ásperas que sejam, ficarão adocicadas e irão ter ao sol tão mansas... tão mansinhas que ele será o primeiro a afagá-las. Pudera não!

Mas, seja como for, antes o sol de lá do que o inverno daqui. Ardente como é,

Na minha terra o sol não cresta as flores;
Preside a primavera aos férteis prados;
Para o chão produzir os lavradores;
Não precisam lançar mãos dos arados;
Desliza-se o viver entre os verdores
Dos ares das montanhas perfumadas;
No regaço da paz reina a Opulência
À sombra maternal da Providência.

Desculpe, prima, porque a oitava é minha.

Mal ou bem, o que eu quero dizer é muito bem desse país.

Você quer ver de longe a diferença da fertilidade dos nossos terrenos ao pé dos terrenos mais férteis destes lados?

Veja; aqui esta uma gravurazinha



que encontrei a propósito, representando uns lavradores dos arrabaldes de Odessa (na Rússia meridional), um dos lugares mais férteis da Europa, e que para conseguirem alguns grãos de trigo têm todo aquele trabalho que se está vendo. Enquanto por aí, até por cima dos telhados as plantas vão brotar!

Faça, prima, uma ideia da riqueza da nossa lavoura se os nossos lavradores, aproveitando a espontânea força da vegetação dos nossos terrenos, quisessem preferir ao emprego da força demorosa dos braços — a vigorosa aplicação das máquinas. Eu digo na estrofe — que não precisamos lançar mãos dos arados para que os nossos terrenos produzam, mas o que não veríamos nós se, aproveitando essa espontaneidade, lhe juntássemos a perfeição que lhes pode trazer o maquinismo?!

A prima sabe, porque há de ter ouvido muitas vezes meu tio dizê-lo, e meu tio sabe o que diz — que a primeira fonte de toda a nossa futura riqueza — está na agricultura.

Mas, temos nós, prima, agricultura?

E quando a teremos?

Quando a agricultura, deixando de ser rotineira, torne-se uma indústria séria e como tal aproveite tudo o que a ciência tem descoberto para o seu aperfeiçoamento.

Então sim — o Brasil será rico, - e o comércio levando as suas mercadorias a todas as partes do mundo, fará conhecido seu nome, sua história, sua bela constituição, suas letras, seus costumes, sua hospitalidade.

Então, um outro sr. Ronna — autor de algum outro dicionário italiano-francês e vice versa, conhecendo a nossa organização política — não dirá no seu dicionário que o Brasil — é uma república!

Então, nenhum outro coronel do exército francês e que tenha feito a sua última campanha na Espanha — não me perguntará se o Brasil está nas Antilhas!

Então... então, prima, ninguém me perguntará mais se aí as cobras andam pelas ruas, se nós também temos dia de ano bom, se há lua no céu do Brasil e outras bernardices destas — que eu não crera se me contassem.

Ui! falei mais do que um deputado, que quer se reeleito por um círculo de lavradores.

Jesus! e a minha chaminé não está a apagar-se?

Prima, tenha paciência, fica o resto para outras vezes; você aí tem o sol e para afrontá-lo as auras das nossas palmeiras, e eu aqui só tenho o frio e para afrontá-lo preciso ir atizar o fogo.

Bem quisera eu enviar-lhe alguns versos, visto que os pede; porém, minha prima, os versos são as flores de nossas almas, e

As flores de minh'alma desmaiaram
Ao contato das brisas estrangeiras;
Pela ausência das auras perfumadas
Que adormecem nas leques das palmeiras

e flores assim desmaiadas não vale a pena transportar para um país como esse onde as flores não murcham nem desmaiam.

Pobre delas! que triste papel não iam fazer lá!!

Adeus, minha prima Eulália; nas azas da saudade lhe envia o beijo mais fiel da mais pura amizade a sua prima

HELENA.

— Continua.¹ -



¹ Não há a continuação desse folhetim.